

# O narrador Brás Cubas e os narrados Eugênia e Prudêncio: a voz maior e as vozes menores (impossibilitadas de se narrarem)\*

Isabel Cristina dos Santos Teixeira\*\*

## Resumo

Analizamos neste trabalho o olhar do narrador Brás Cubas (de *Memórias póstumas de Brás Cubas* [1997], de Machado de Assis) sobre as personagens Eugênia e Prudêncio. Através desse olhar, desejamos apresentar uma leitura possível relativamente à forma como o narrador conta sua trajetória, desde o início da narrativa. Por ocasião de sua apresentação, sabemos que se trata de um burguês, morto, que conta sua trajetória, em vida. Para tanto, utiliza-se de toda a sorte de artifícios para diminuir, ou para aumentar, distorcer ou desfocar a visão dessas personagens sobre as quais nos deteremos.

Palavras-chave: Narrador; Brás Cubas; Eugênia; Prudêncio; Sujeitos subalternos.

Perguntamos certa vez a um estudioso da obra de Machado de Assis o que ainda faltava dizer sobre ele. Após tantos trabalhos, Machado tem sido, desde o século XIX, matéria de múltiplas interpretações e análises, em diversos campos de estudos. Basta citar críticos como Sílvio Romero, José Veríssimo, Astrojildo Pereira, Lúcia Miguel-Pereira, Antonio Candido, Raymundo Faoro, Roberto Schwarz, John Gledson, Alfredo Bosi... e mencionar tantos outros trabalhos espalhados em bancos de teses das universidades para confirmar o valor dado à sua obra literária.<sup>1</sup>

\* Texto recebido em outubro/2007 e liberado para publicação em novembro/2007.

\*\* Monografia de Conclusão do curso "As meninas-mulheres de Machado: entre tipos e pessoas", do Doutorado em Literatura, UFSC, ministrado pelo professor João Hernesto Weber, 2º semestre de 2007.

\*\* Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* Universitário de Araguaína (TO).

<sup>1</sup> As diversas abordagens em torno da obra de Machado de Assis são iniciadas, ainda no século XIX, por Sílvio Romero, que mantinha, na época, debates com José Veríssimo. Já no século XX, o quadro de intérpretes da obra de Machado tornou-se mais amplo. Destacam-se as abordagens sociológicas como fonte auxiliar à literatura, tal como avalia Antonio Candido, seguido por Roberto Schwarz, por exemplo, cuja reflexão inclui política e sociedade. Uma vez ampliadas as formas de análises, outros autores deram suas contribuições, em suas áreas de atuação, todos reconhecendo Machado de Assis como o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira.

Mas, tendo em mente o conceito de “obra aberta” (ECO, 2007),<sup>2</sup> tentamos aqui, após ler o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1997), aventurar-nos por uma questão que nos chamou a atenção no estudo dessa obra. Trata-se do “olhar” do narrador Brás Cubas, especificamente, sobre duas personagens: Eugênia e Prudêncio. Por quê? Dada a emergência de novas propostas sobre História (“a arte de inventar passados”, nos termos do professor Durval Muniz, UFRN),<sup>3</sup> desejamos apresentar uma possibilidade de leitura da forma como o narrador, a partir de sua própria apresentação, desde o início da narrativa, vai criando armadilhas para diminuir, ou aumentar, distorcer ou desfocar a visão desses personagens sobre os quais nos deteremos.

Dito isso, iniciamos nossa aventura, debruçando-nos sobre esse sujeito que abre a narrativa, fazendo uma retrospectiva, munido de todo o poder que lhe confere sua condição de burguês, servindo a seus próprios propósitos.

### MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: PASSAGENS QUE SERVEM AOS NOSSOS PROPÓSITOS

Na ordem de constituição, este é o primeiro romance da tida por fase madura de Machado de Assis (1997).<sup>4</sup> Publicado em 1881, apresenta, no enredo, a vida de Brás Cubas, distribuída em episódios que vão desde o nascimento (1805) até a morte (1869) (p. 30). Seus relatos dão conta de ser ele, na infância, um “menino diabo”, aos cinco anos, que conta com a condescendência dos adultos (p. 32). Bate em escravas, por capricho. Aos seis anos, fazia de Prudêncio, “um moleque da casa”, o seu cavalo de todos os dias; o escravo “punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — ai, nhonhô! – ao que eu retorquia: — Cala a boca, besta!” (p. 32). Certo dia, sendo contrariado em uma questão, denuncia o comportamento de um homem grave, o “Doutor Vilaça”, casado e pai, que, em surdina, em “uma moita”, envolve-se com a irmã do sargento-mor Domingues (dona Eusébia), episódio que torna público (um episódio de 1814) (p. 35). Dessa ocorrência, nasce Eugênia, a

<sup>2</sup> No ensaio chamado “Obra aberta: forma e interpretação nas poéticas contemporâneas”, Umberto Eco afirma que “toda obra de arte é aberta porque está sujeita a várias interpretações”.

<sup>3</sup> O professor Durval Muniz de Albuquerque Junior trabalha em uma linha de pesquisa que se dedica a pensar historicamente as dimensões políticas dos espaços, articulando noções como as de tempo, poder, representação e discursos (Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

<sup>4</sup> Todas as citações serão de Assis (1997), indicadas apenas pelos números das páginas.

“flor da moita”, moça que, aos 16 anos, se apaixonará por ele (p. 61). Chegado à adolescência, envolve-se com uma prostituta, Marcela (p. 41). Descoberto pelo pai, este o obriga a ir estudar em Lisboa, pois deseja afastá-lo da moça exploradora. Volta de Lisboa para atender ao apelo da Mãe (que está à morte). Após a morte da mãe, leva Prudêncio para morar consigo em uma velha casa de sua propriedade (p. 56). O criado lhe fala de Dona Eusébia e de sua filha, Eugênia, a quem Brás visitará e desprezará. Ela, por sua vez, afasta-se dele e, anos depois, após a perda da mãe, é reencontrada por Brás (que a vê, pedindo esmola em um cortiço). Ainda, em sua vida adulta, envolve-se com Virgília, senhora burguesa. Após a morte de seu pai, discute com a irmã, Sabina, a partilha dos bens, e fica sabendo que Prudêncio fora alforriado, havia dois anos (p. 76). Tempos depois, revê Prudêncio “um preto que vergalhava outro na Praça” (p. 100). Ele ouve os gemidos do escravo, a que Prudêncio responde: “Cala a boca, besta!”. Do episódio, Brás conta que ele se aproximou de Prudêncio e que este lhe beijara a mão, pedindo a bênção. Pergunta-lhe se aquele preto era seu escravo, ao que ele responde: — É, sim, nhonhô. Do diálogo travado, em resposta a Brás, sobre o escravo, Prudêncio dirá: “— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber”. Ao que Brás retruca: “— Está bom, perdoa-lhe, disse eu”. Prudêncio responde: “— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!”. Brás sai do grupo que assistia à cena (p. 100) que cochichava suas conjecturas e, sobre elas ele, que não as ouve, diz que seria boa matéria para um capítulo alegre: “Eu gosto de capítulos alegres; é o meu fraco” (p. 100).

A narrativa conta com outras personagens: Sabina, irmã de Brás; Cotrim, seu cunhado; Lobo Neves, político e marido de Virgília; dona Plácida, alcoviteira dos encontros amorosos de Brás e Virgília e Eulália, sua “noiva”, que acaba morrendo aos 19 anos, de febre amarela, sem chegar a se casar (p. 151).

#### SOBRE O NARRADOR “BRÁS CUBAS”, DIREMOS QUE...

O narrador dá início à sua fala, afirmando “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas MEMÓRIAS PÓSTUMAS” (p. 15). Daí para a frente, esse “defunto narrador” contará a seu bel prazer o que lhe interessa. Começa, por se dirigir, no prólogo, ao leitor, para quem revela suas memórias, “trabalhadas, cá no outro mundo” (p. 16) e as define como autobiográficas. Situando-se no reino dos mortos, ele, de certa forma, se garante: pode estar falando a verdade ou não; pode romper com quaisquer barreiras.

Ao mesmo tempo em que está morto, transpõe a vida e vai “vivendo”. À medida que narra, vai envolvendo o leitor, no universo ficcional que instaura.

Seu relato apresenta deslocamentos quanto à focalização e, assim, ele vai contando e fixando os acontecimentos para interpretá-los, à luz de sua visão de representante da classe burguesa. Com isso, expõe sua conduta individual, falando por si e “pelos interlocutores”, quando aparecem, para, enfim, alcançar seus próprios objetivos: mostrar-se. Isso mesmo: com sua fala e, por meio da fala que atribui aos outros, confirma sua condição de classe e a forma como ele espera ser visto, até mesmo, depois de morto.

A propósito da voz de um narrador, sobre a arte de narrar, Benjamin (1993, p. 200) afirma: *é um homem que sabe dar conselhos, tem sabedoria e retira da experiência o que ele conta e (...) incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes* (p. 201; grifo nosso). Ou seja: o narrador é aquele que tem domínio da coisa a ser dita. Assim sendo, nos termos colocados por Benjamin (p. 202), o que o narrador faz, em linhas gerais, é agregar, incutir, seduzir, dar conselhos, possibilitar uma ação que abre novas possibilidades para o futuro. No caso específico de Brás Cubas, o que podemos dizer? – que, com suas ilações, alicia o leitor, deixando-o na ilusão de estar à vontade, e também o coopta e o hipnotiza, levando-o a “crer que é autônomo”.

Recorrendo a Schwarz (1998, p. 48), às suas considerações sobre o narrador Brás Cubas, observamos que ele reconhece a questão da “extraordinária mobilidade do narrador das memórias póstumas”. Para tanto, diz que ele cita, logo no início do romance: “Algum tempo, hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim”... levando-o a entender que o defunto-narrador está a tentar definir um método de trabalho, e portanto uma abordagem racional. Mas, logo em seguida, o crítico menciona que Brás dirá “que não era bem isso” (p. 48). Em outras etapas de sua abordagem, o crítico afirma que “o narrador vai mudando de personagem”. Em resumo,

num momento, ele é metódico e esclarecido, noutro ele está na moda, noutro ele é irreverente. Mais adiante, ele vai ser cínico, ao considerar que o amigo que está fazendo um discurso à beira da sua cova espera receber uma boa herança; em seguida, vai ser um namorado desleal, achando graça no sofrimento da amada e meio que divulgando o caso de adultério com ela, com Virgília, e assim por diante. Quer dizer, nós temos aqui uma dicção que depende de mudanças de personagem frase a frase. Ele (o narrador) sofre de “mudancite aguda”. (p. 48)

Essas mudanças, tão atraentes ao crítico de Machado, levam-no a concluir que, “de certo modo, ele está dando um golpe no leitor” (p. 48). Com efeito, partilhámos desse mesmo pensamento, na medida em que, dado o menosprezo desse narrador perante os critérios de avaliação da “alma sensível”, em sua referência

ao leitor, colocamos uma fissura na forma pela qual ele apresenta (aos seus desprezíveis leitores) o episódio da Praça, envolvendo o ex-escravo Prudêncio. Antes, porém, de colocarmos as informações de Brás sob suspeita, apontando para uma possível ambigüidade na leitura desse ponto, tanto da questão narrada, quanto na interpretação que nos tem sido trazida pela crítica, apresentaremos as personagens Eugênia e, em seguida, Prudêncio. Só que, dessa vez, vamos lhes dar uma possibilidade de se tornarem “sujeitos”, ainda que subalternos, nos termos de Spivak (2003), autora indiana que se dedica a estudar indivíduos subjugados, silenciosos ou silenciados, marcados por opressão, em quaisquer grupos que não têm voz ou lugar de fala.

Nosso exercício de alteridade – ver como Brás mostra ao leitor as personagens – terá o desdobramento a seguir.

## DENTRE OS NARRADOS... NARREMOS EUGÊNIA E PRUDÊNCIO – JÁ QUE ELES NÃO SE NARRAM

### 1 – Eugênia

A escolha de Eugênia nos é propícia porque recai sobre a sua condição de fruto de um relacionamento espúrio entre Dona Eusébia e o Doutor Vilaça (de 1814). Daí, teria nascido a “Flor da Moita”, a “Vênus Manca”, numa referência à sua origem “torta”/andar torto, em duplo sentido. Ela, moça pobre, sustentada pelo dinheiro do pai, quando moça, acaba se envolvendo com Brás, que, pouco a pouco destrói para o leitor a possibilidade de ela vir a se ligar a ele, pelo casamento, como era do interesse de sua mãe, Dona Eusébia. Morta a mãe, Eugênia, sem qualquer traço de nobreza, termina sua existência como começou (às escondidas, em um cortiço): pobre e miserável, pedindo esmola. Quando jovem, desilude-se com o “nobre senhor” e afasta-se dele. No futuro, já desgraçada e velha, quando se reencontram, recusa sua oferta em dinheiro. Para o leitor, Brás elimina, sem muito remorso, a moça, que nascera pobre e ali permanecera, até o fim, numa trajetória esperada por ele mesmo: se ela mudasse de atitude em relação a ele, possivelmente seria para fazer exatamente como sua mãe, tal como no episódio de sua concepção. Ela, em sua limitação, jamais poderia sonhar em ter uma família, dada a sua origem “torta”/manca. Aos seus próprios olhos, e por sua atitude, pode-se dizer que ela fora digna: não era escrava, nem agregada da família Cubas. Era apenas uma moça pobre, resignada em sua própria miséria, que não se meteu com quem não devia, um proprietário com todos os poderes para lhe mostrar, enfim, o seu lugar na escala social.



## 2 – Prudêncio

A primeira referência que é feita a Prudêncio diz tratar-se de um moleque da casa, sobre quem Brás diz ser “seu cavalo” de todos os dias. Sempre obediente, sem dizer palavra, quando apanhava demais. Quando muito, gemia um “ai, nhonhô”, a que Brás respondia com um “Cala boca, besta!”. Ao voltar de Portugal, Brás toma o antigo moleque e o leva para morar consigo. De pouca fala, o escravo comunica a Brás que Dona Eusébia e a filha moram por perto, e que tinha sido a primeira vestira o corpo de “minha defunta senhora”. Quando do episódio da morte de seu pai, Brás fica sabendo que o escravo fora alforriado havia dois anos, fato que ele ignorava. A partir daí, o escravo some das vistas de Brás, que voltará a vê-lo no episódio do Capítulo LXVII, o vergalho.

Nesse episódio, a cena descrita e transmitida ao leitor é – aparentemente – surpreendente para Brás que está diante de um ex-escravo e, portanto, homem livre, que não vive como agregado em sua casa. Ou seja: não lhe deve favor, e, ainda por cima, adquiriu poder de compra. O que ele compra? Um escravo. Brás não tem nenhum cuidado em informar ao leitor a trajetória do ex-escravo, ... aonde ele chegou, socialmente.

A cena do açoite ao escravo se dá na via pública, lugar em que Brás, após o revés que sofre com o fim dos encontros com Virgília, teria certo interesse (e chance) de construir uma estória diferente para o fim de Prudêncio: como Brás suportaria a idéia de ter um ex-escravo ascendendo socialmente, sozinho, mostrando capacidade de adquirir bens,<sup>5</sup> apresentando-se em público, sem um senhor (seu dono), mas sendo ele o próprio? O ex-escravo estaria, nesse caso, subvertendo a ordem a que Brás se acostumara.

Em épocas passadas, tinha sido pública a demonstração de senso de dignidade do senhor Brás, quando devolveu as patacas encontradas na rua... inclusive, o fato torna-o lembrado na área política (Capítulo LI, p. 81).

Para diminuir Prudêncio aos olhos do público (e também aos olhos do leitor), que assiste à cena da surra, Brás elabora uma fala – dentro de uma lógica binária – em que deixa claro o seguinte: o negro liberto adota o mesmo exercício da burguesia.<sup>6</sup> Apropriando-se da cena, nessa hora, ele se vinga do pai, da sua inconveniência em libertar o escravo Prudêncio. Para tanto, monta um esquema: o espancamento do escravo por Prudêncio. Com isso, Brás mostra-se ao público que

<sup>5</sup> Não questionamos, aqui, o valor do bem, apenas o fato.

<sup>6</sup> Em *Memórias póstumas de Brás Cubas* lemos, à p. 101: “Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!

assiste à cena, elevando-se. Prudêncio, em resposta, beija a mão de Brás. Por que ele, ex-escravo, homem livre, beijaria, ainda, a mão de um “Senhor” a quem não devia nada? Ora, há um público em volta, há um homem livre, ex-escravo que apanhou muito no passado; há um Brás Cubas duplamente contrariado (com a amante e com o pai). Este último irá relacionar a surra no escravo (do presente) e o beijo em sua mão pelo escravo (do passado) para o necessário esmagamento de Prudêncio, tudo para manter a ordem social favorável apenas ao senhor narrador. Ele diz sobre a surra: “Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, – transmitindo-as a outro”. Nessa passagem, uma carta-da possível: Prudêncio admite que está fazendo algo errado, nos termos de seu ex-senhor Brás: “— Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede” (p. 101). Mas... e se Prudêncio estivesse à mercê pública – que não lhe era comum, já que era escravo doméstico – à mercê do público, disposto a linchá-lo, por exemplo, sob o comando da voz de Brás, duplamente contrariado? ... Não, ele não se arriscou: no meio doméstico, ele apanhou muito, do que resultou o seu aprendizado no uso da violência; fora desse meio, ele poderia apanhar mais ainda, diante do ultraje de ser um homem livre, e proprietário de bens. A nosso ver, Prudêncio recuou estrategicamente e, daquele meio, conseguiu escapar.

Em seguida, aparece a reflexão de Brás, que sai de cena, sem dar ao leitor o conhecimento do que se dizia em público. Ele simplesmente sai de cena. No capítulo seguinte, Brás dirá: “Este caso me faz lembrar um doido que conheci”. Chamava-se Romualdo e dizia ser ão, o general tártaro, que ele menciona para comparar a história de Prudêncio liberto, batendo em um escravo (e estrategicamente, submisso, após a liberdade) (p. 101). Deixemos em suspense esta passagem que será discutida no item a seguir.

#### PARA NÃO DIZER QUE... NOS ESQUECEMOS DELES

Nos itens anteriores, ocupamo-nos em apresentar o romance, o narrador Brás Cubas e como as personagens Eugênia e Prudêncio são “traduzidos” por ele para o leitor.

Isso posto, vamos tentar recorrer às avaliações críticas que nos levam a discutir aspectos do romance em apreço. Do resultante conjunto, verificaremos o valor de verdade da “voz” narradora sobre os dois personagens supracitados.

Schwarz (1998) elabora muitas afirmações sobre o narrador: Quem é o narrador das “Memórias póstumas”? É, justamente, a figura ilustrada, civilizada e sobretudo abastada que, segundo ele, mantém uma certa “guerrilha sistemática contra os bons sentimentos do leitor”. Além disso, o crítico admite que ele se

enquadra em uma lógica que “o leva a uma espécie de universalização do desrespeito e do capricho, a uma espécie de magnificação monstruosa deste, que abusa da totalidade dos meios literários e da totalidade da cultura disponível” (p. 50). Como exemplo dessa conduta, cita: Brás Cubas conta a grande decepção e injustiça que sofreu uma moça pobre (Eugênia) e com um defeito físico. conta a anedota e diz, imaginando que o leitor esteja com os olhos rasos d’água, por da baixaza que a moça acaba de sofrer (p. 49).

Gledson (2003, p. 25), da mesma forma que Schwarz (1998), também percebe o caráter “duvidoso” do narrador desse romance no qual ele reconhece o “domínio de uma oligarquia segura de si, baseada na escravidão”. Ambos, nas obras citadas neste trabalho também investigam aspectos da sociedade representada na época, no século XIX. O primeiro, ao abordar as décadas de 1840 a 1850, avalia aspectos históricos desencadeados no período, embora o romance se estenda entre 1805 a 1869, época de vida de Brás Cubas. Porém, a despeito de ser “Memórias póstumas” um ponto de apoio, afirma que é no conjunto da obra de Machado que se pode observar “um significado histórico” (GLEDSON, 2003, p. 32). Sobre esse tópico, observa que Schwarz (*apud* GLEDSON, 2003, p. 33) em “Ao vencedor as batatas” dá alcance crítico à importância do favor e do agregado, na sociedade brasileira. Schwarz (1998, p. 52) apontará, ainda, neste seu trabalho anterior ao citado por Gledson (2003) para a questão do favor. Segundo ele, “numa sociedade escravista, não existe mercado de trabalho. Neste tipo de sociedade, espera-se que um escravo liberto, viva como o homem livre de então – viva do favor do proprietário” (p. 52). Assim sendo, as classes silenciadas, dentro desse grupo identificado por Schwarz (1998), constituirão os segmentos que Spivak (2003) denomina de “subalternos”: indivíduos impossibilitados de exercer a fala. Não falam, nem podem falar. Nesta condição encontram-se nossas personagens, Eugênia e Prudêncio. A primeira, Eugênia, capitula na miséria da dignidade (ou na dignidade da miséria); o outro... torna-se livre e proprietário.

Gledson (2003 p. 33) torna visível o seu cuidado (ou o cuidado de Machado, como o crítico supõe que seja) com Prudêncio, ao estabelecer ligações íntimas entre História e ficção, para dar conta de sua perspectiva de analisar a ordem social na literatura. Porém, ao realizar suas ilações, recorre à obra **Dom Casmurro**: “Estamos em 1857, época que cobre o período descrito em Memórias póstumas” (p. 66). Para o analista machadiano, aí se observa “o conservadorismo da classe dirigente, sua capacidade resistir à mudança ou ignorá-la” (p. 66). Considerando a mudança na condição social do escravo, ele assim se expressa:

Em Brás Cubas, o episódio de Prudêncio permite-nos ver que Brás está mais implicado na escravidão do que pensa – antecipando, poderíamos dizer que ela faz parte de seu inconsciente. Mas, naturalmente, pelo menos em termos de realismo históri-



co, não pode de maneira alguma perturbá-lo nenhuma perspectiva de mudança, de desaparecimento definitivo de algo tão natural para Brás que ele (...) mal repara em sua existência. (p. 85)

Ante o episódio, incidindo sobre o seu significado para a burguesia, a quem não interessava uma mudança na ordem social vigente à época, temos, ainda, um breve esclarecimento sobre a estrutura hierárquica de classes: “Seria pouco realista representar os escravos em si como uma classe”. Ou seja: no horizonte histórico, em conjunto, possivelmente, “Prudêncio é um caso isolado” (p. 86).

Ainda assim, tentando eliminar essa possível ambigüidade na compreensão da personagem (justamente o que queremos mostrar ser possível), Gledson (2003) fornece uma explicação que incide sobre o próprio interesse do autor:

Fosse comum ou não ex-escravos comprarem seus próprios escravos, o fenômeno interessou Machado, como prova o caso de Prudêncio, em Brás Cubas. “Uma” interpretação adequada “talvez” fosse a seguinte: para além da Abolição e do grande princípio de liberdade que encerra, está o mundo complexo e não exatamente ideal onde o desejo de ter poder sobre outro continuará, para nossa ruína (como diz o Eclesiastes). Como no caso de Prudêncio, a escravidão corrompe, e essa corrupção não pode ser curada simplesmente pela Abolição. (p. 159)

Considerando que o próprio Gledson (2003) reconhece que os escravos, em si, não constituem uma classe e, ainda, que toda a construção das personagens é feita sob a óptica subjetiva de um representante de uma classe detentora de privilégios institucionais, entendemos que a citação acima funciona como a confirmação e reafirmação de poder de classe e, nesse caso, Prudêncio não representava nenhuma delas. Brás Cubas articula-se de forma a se preservar, deixando visível o que, para ele, poderia acontecer se os escravos chegassem aonde Prudêncio chegou: adotaria prática do “revanchismo”. Para Brás, essa seria a ordem natural das coisas, sem apontar para quaisquer outros processos que envolvessem a condição dos negros escravos e da forma como eles viviam e agiam. Noutras palavras, por meio de Prudêncio, chegamos apenas à essencialização das relações de classe. Com isso, Brás passa ao leitor a idéia – baseada em sua própria evidência manipulada por uma fala única – de que os negros “reproduzirão, ao invés de contestar, sistemas ideológicos estabelecidos”, de acordo com a perspectiva de Joan Scott a respeito de verdades imutáveis sobre o que prega o discurso histórico (SCOTT, 1999, p. 26).

As dificuldades, ambigüidades e contradições que envolvem o ex-escravo fazem com que ele não tenha voz para enfrentar o “senhor”. O “nhonhô” pode, assim, ficar bem à vontade para enganar mais uma vez o leitor, apresentando-lhe o capítulo seguinte ao episódio da praça (p. 101). Ele – Prudêncio – continuará submisso, pois não existe como sujeito. É esmagado discursivamente por uma instituição burguesa, mas, como um homem livre, sobrevive, a passos lentos, comedidos, num agir solitário.

## Abstract

This article analyzes the look of the narrator Brás Cubas (from Machado de Assis's novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* – 1997), on the characters Eugênia and Prudêncio. Through that look, a possible reading of the form the narrator tells his trajectory, since the beginning of the narrative, is presented. As he is introduced, we get to know he is a dead *bourgeois*, who tells his trajectory in life. For such, he makes use of all sorts of artifices to diminish or to increase, to distort or to blur the vision of the characters the reader is about to meet.

Key words: Narrator; Brás Cubas; Eugênia; Prudêncio; Subaltern subjects.

## Referências

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 23. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 5. ed. São Paulo: Brasilienses, 1993. p.197-220.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e interpretação nas poéticas contemporâneas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- SCHWARZ, Roberto. A novidade das memórias póstumas de Brás Cubas. In: SECHIN, A. C.; ALMEIDA, J. M. G.; MELO E SOUZA, R. (Org.). *Machado de Assis, uma revisão*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998. p. 47-64.
- SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Maria Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Org.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.
- SPIVAK, Gayatri. C. ¿hablar el subalterno? *Revista Colombiana de Antropología*, Bogotá, v. 39, p. 297-364, enero-diciembre, 2003.